

DISSÍDIOS DO DESEJO: AMORES QUEIXOSOS, FANTASIAS LITIGIOSAS

Rafael Venâncio; Jeane Lima Aragão; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – venancio92@live.com

Resumo: Desde exato o momento em que somos lançados no mundo, deparamo-nos com a inevitável dor do desamparo. Ainda que (re)elaborada pela cultura, esta dor acompanha o homem no curso de sua existência e o coloca ante a injunção de torna-se sujeito, ou seja, vir a ser capaz de assimilar e entender as leis e os interditos que regem as sociedades humanas. Na verdade, não há equívoco algum em se presumir que a entrada no mundo dos significantes implique uma barreira necessária a constituição psíquica do indivíduo, visando impedir que as pulsões mais primitivas do inconsciente encontrem concreitude. Mas quando, por alguma razão, o sujeito busca ultrapassar a barreira imposta, o resultado será uma tentativa, fadada ao fracasso, de se ver livre dos grilhões que o prendem a linguagem a fim de (re)encontrar um gozo que, diga-se de passagem, está perdido desde sempre e para sempre. Este é o caso descrito na obra francesa da cineasta e dramaturga Marguerite Duras, *O amante*, publicado no de 1984. Na narrativa em foco, de caráter expressamente biográfico, a autora nos apresenta as reminiscências de sua infância e adolescência junto aos seus familiares: em um ambiente inóspito, a decadência econômica e moral de uma família mergulhada nas ambivalências de desejos edípicos recalcados são postas em cena. Por isso, nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base (pós)freudiana com a literatura, pretende investigar os indícios de uma (não) superação do Complexo de Édipo e seus correlacionados que permeia história de Duras.

Palavras-chave: Édipo, Ambivalência, Sexualidade, Gozo, Interdito.

1. Introdução:

O amante é um romance francês, escrito pela cineasta Maguerite Duras, publicado no ano de 1984. A obra, de teor autobiográfico, é composta de reminiscências que buscam evidenciar a decadência moral e econômica de uma família no começo do século XX. Dividido em três tempos distintos, que se imbricam constantemente, Duras conta os eventos, desde sua infância, em que os conflitos no seio do seu lar determinaram sua personalidade e trouxe a tona o ódio que sentia pelos seus, possibilitando uma narrativa forte e reveladora que horroriza o leitor ante a crueza da exposição dos sentimentos.

Em um misto de amor e dissabor, Duras coloca em cena as imagens de sua mãe e os dois irmãos, com quem conviveu durante sua idade infantil e adulta, na verdade, o constante corte na narrativa e as retomadas de tempos e personagens que, aparentemente, haviam morrido, denuncia a própria incerteza da autora quanto a fidelidade daquelas imagens captadas: é o caso de sua mãe, uma mulher aristocrática que não aceita a falência de seus últimos recursos financeiros e busca manter uma suposta dignidade ante a sociedade, se valendo de roupas velhas, que outrora enunciavam um tempo rico de sua vida. Duras deixa que seu desprezo pela mãe seja visto pelo leitor, principalmente no que tange a nítida e visível preferência pelo filho primogênito, a quem

favorece de todas as formas e que, segundo é revelado na medida em que a trama se desenvolve, cai a responsabilidade das finanças terem sido consumidas de maneira desproporcional, acelerando a derrocada de todos.

É importante dizer que Duras nada esconde de seu leitor, a não ser aquilo que, devido à impossibilidade de encontrar significações, são postos em cena sem que perceba, razão pela qual nos propomos, neste trabalho, a evidenciar essas supostas omissões e dar-lhes um sentido com as contribuições que a psicanálise de base (pós)freudiana nos oferece.

2. Metodologia

Por isso, em um primeiro momento, levando-se em conta a constituição falocêntrica de nossa sociedade, na qual a obra de Duras se encontra, faremos um percurso sócio-histórico acerca da posição da mulher, melhor dizendo, do que fundamentalmente contribuiu para a visão sobre a mulher. Num segundo momento, seguindo as premissas e os pressupostos teóricos que norteiam nosso trabalho, discorreremos, brevemente, sobre a constituição do inconsciente a partir do acesso do sujeito no campo da linguagem.

3. Resultados e discussões:

3.1.1. Contexto sócio-histórico: a mulher e a sociedade

O cristianismo, uma vez oficializado como religião oficial do Império Romano, difundiu-se rapidamente entre os povos bárbaros, utilizando-se da dominação mundial que gozava os antigos imperadores. Nesse sentido, a Igreja, sua representante, foi a única instituição que conseguiu sobreviver a queda do poderio romano no Ocidente, subjugado pelos povos que antes dominavam, visto que possuía um poder inextinguível: a sapiência em um momento que o conhecimento se restringiu àqueles que não saiam para guerra.

Com a derrocada de uma antiga forma de vida, foi emergindo, dos escombros de um ocidente cada vez mais miscigenado, um regime socioeconômico que, entre outras coisas, beneficiava os sujeitos que tinham as condições necessárias para garantir, ao menos por um tempo, a suposta paz de terras que estavam em constante disputa¹. E, nesse contexto de labuta, a Igreja, que já havia penetrado nos mais obscuros recantos da nobreza antiga, já em seus primórdios, disseminou

¹ Evidentemente nos referimos ao feudalismo, regime econômico e social que perdurou por toda a Idade Média, em que os senhores feudais, ofereciam sua proteção e terra em troca do serviço de homens e mulheres que se dispunham a uma vida de privações e misérias para sobreviver.

a doutrina da fé, lançando um véu sobre tudo o que fugia a sua compreensão teocrática e proibindo o acesso a qualquer tipo de esclarecimento.

Sob a égide de um Deus Pai onipotente, onisciente e onipresente, a Igreja penetrou nos lares, nos círculos sociais, nas camadas mais ricas da sociedade, sempre vigiando os seus fiéis a fim de evitar qualquer contato deles com as obras da pagãs, por isso que “os primeiros pais da Igreja preocupavam-se com as corrupções da carne” (Garton, 2009, p.83), as quais as mulheres entendiam uma vez que, em sua concepção, enquanto filhas de Eva, eram pecadoras vis, propícias ao pecado.

Esta atitude com relação ao feminino bem revela o quanto os primeiros cristãos assimilaram dos clássicos gregos e romanos a ideia de um mundo dividido entre o bem e o mal. Roberts (1998, p.81) nos confirma que, para eles, o mundo foi criado em pares opostos, “com as mulheres, a carne e os sentidos identificados como o mal, e os homens, com sua desincorporada ‘espiritualidade’, como divinos”. A Igreja, portanto, se dividiu em dois grupos distintos: aqueles que, abstendo-se do sexo, aumentariam suas chances de salvação, e os demais, o povo laico, que casaria para frear o mal inerente a sua natureza pecaminosa.

Garton aponta que: “Ao longo dos textos cristãos primitivos perpassa uma hostilidade profunda relativamente ao sexo, ao corpo e **as mulheres, em particular às sexualmente activas e às menstruadas** [grifo nosso]” (2009, p. 85). De fato, dentro de uma sociedade patriarcal, e sendo o próprio cristianismo oriundo do patriarcado, não à toa seus mestres demonstravam uma explícita hostilidade no que estava relacionado ao mulheril: o apóstolo Paulo, por exemplo, ordena que as mulheres fiquem caladas dentro das igrejas, ele considerava que a melhor maneira de se viver em comunhão com Deus era ser celibatário, mas, caso ninguém suportasse, que se casasse, entretanto, sua maior aversão se resumia as prostitutas: para ele, unir-se, carnalmente a elas, era profanar o corpo do próprio Deus. Temidas, porém mantidas sob as ordenanças de um homem que representava Deus na Terra: “Heróico (sic) ou guerreiro, o pai dos tempos arcaicos é a encarnação familiar de Deus, verdadeiro rei taumaturgo, senhor das famílias. Herdeiro do monoteísmo, reina sobre o corpo das famílias e decide sobre os castigos infligidos aos filhos” (ROUDINESCO, 2003, p.13).

Nesse momento, somente o discurso do pai daria legitimidade a uma criança e permitiria a manutenção da família, ao mesmo tempo em que, à mulher, cabia ser fiel ao seu marido, a fim de que fosse instituída uma família aristocrática movida pelo desejo de enriquecer.

3.1.2. Base teórica: Édipo e o gozo

Um dos principais conceitos da teoria analítica diz respeito à estruturação psíquica e individual de cada sujeito, pela qual, é possível diagnosticar as características que tendem a dominar a ação, bem como a subjetividade de cada indivíduo.

Em primeiro lugar, toda e qualquer estrutura é resultado do universal e inevitável Complexo de Édipo, e seu correlato, a saber, o Complexo Castração. Ambos se definem como estágios imprescindíveis para a formação de um futuro sujeito, capaz de assimilar os interditos culturais que regem as sociedades humanas e, em tese, abdicar da pulsão, enquanto perversa polimorfa. Dissemos *em tese* para desde já destacar que estes estágios nunca são totalmente superados, nem mesmo na adultez. Os resíduos dos fatos que corresponderam a esses momentos, ou seja, os traumas que acompanham a existência permanecem guardados em uma instância que os organiza e os cifra de modo a não permitir que as significações dos eventos traumáticos sejam levadas a consciência. Ora, essa instância, pelo que faz e o lugar que ocupa, é chamada por Freud, Pai da Psicanálise, de Inconsciente, objeto de estudo da metapsicologia. No *corpus* de nossa pesquisa, pressupomos haver conteúdos inconscientes que permeiam a narrativa e garantem que um *não dito* deixe entrever desejos que devem ser interditados pela cultura.

O Inconsciente, portanto, é composto de conteúdos recalcados², que o Ego, parte do psiquismo parcialmente consciente, busca impedir que venham a tona visto que, enquanto defesa, o *recalque* inibe que o desprazer sentido em um momento primeiro da vida, seja trazido a consciência e não encontre significação possível no mundo dos significantes, gerando sofrimento tal que o sujeito não seja capaz de lidar. Por outro lado, “O inconsciente *não pode* esquecer [...] ele preserva no presente o que o afetou no passado, segurando cada e todo elemento eternamente, permanecendo marcado por todos eles para sempre” (Fink, 1998, p.39, grifo do autor). Somente o fato de não ser capaz de obter o total e mais completo *esquecimento* demonstra o que é chamado de *falha do recalque*, ou seja, ainda que o sujeito não saiba quais foram os traumas pelos quais passou no Édipo, em seu psiquismo estará inscrito as insígnias deles, razão pela qual o Inconsciente buscará vias de manifestações para, de alguma maneira, *falar de si*.³

² Em outras palavras, *conteúdos esquecidos*.

³ É preciso que o recalque *falhe* para que o inconsciente possa se presentificar por estas vias, uma espécie de acordo que ajuda a manter o sujeito em pé ante as vicissitudes da vida.

Nesse sentido, é importante mencionar, são as figuras parentais⁴ que promovem a inserção do infante no mundo da linguagem e, por meio da educação que lhes dão, inculcam as significações que, em tese, acompanham os significantes. Na verdade, no momento em que a criança se depara com o mundo, é preciso que seja *ensinada* a nele viver, o que implica dizer que ela será interdita naquilo que, primitivamente, não havia nenhuma necessidade, isto é, na relação com a mãe, primeiro de objeto de amor.⁵ Dor (1991) indica que “É em função dos amores edipianos que se constitui, para todos, a entrada em cena de uma estrutura psíquica [...]” (p.24), e que, devido a função paterna, que proíbe a mãe ao filho, a (des)ordem da mesma é sancionada.

Referências Bibliográficas:

- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução: Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Tradução: Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: **Obras completas – Volume 6**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GARTON, Stephen. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual**. Lisboa: Editora Estampa, 2009.
- JULIEN, Philippe. **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
- DURAS, M. **O amante**. São Paulo: Editora: Cosac Naify, 2012.

⁴ Referimo-nos aqueles que cuidam, educam e ensinam as crianças, responsáveis pela sobrevivência da criança no mundo. Esta função, quiçá seja exercida pelos progenitores, é compartilhada com muitas outras pessoas que, na ausência dos pais consanguíneos, assumem o papel maternal e paternal na vida do infante.

⁵ Consistindo, nesta primeira relação, e a posterior interdição, as equivalências que dão a esta fase os nomes de Complexo de Édipo, e o seu correlato, Castração.